

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLK-LORE PORTUGUEZ

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas

por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado de pag. 20 do vol X)

54

Ai que circ'lo leva a lua,
Meu amor vamos a ver;
Já não ha quem nos separe
D'este nosso bem-querer.

55

Tirei c'o papel ao ar,
No meio se me fez uma pomba;
Se algum dia te quiz bem,
Agora nem ver-te a sombra.

56

Estrellas deitae capuzes
Que vae meu bem de jornada,
Bom é que as estrellas sintam
Uma paixão que me mala.

57

Todos dizem que te deixe,
Até me mettem empenhos,
Cada vez te quero mais,
Olha a emenda que eu tenho!

58

Se ouvires tocar os sinos.
Não cuides que são trindades,
Sou eu que me 'stou morrendo
Com as tuas saudades.

59

Quem tem craveiros tem cravos,
Quem tem cravos tem bolões,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

60

O' amor, tomara eu
Saude, que Deus me dera,
Amores não faltarão,
Ou aqui ou n'outra terra.

61

Trigueirinha engraçada
Assim me quer o meu Pedro,
Não sou bonita que espante,
Nem feia que metta medo.

62

Se tens os sapatos rôtos
Manda-os a solar de vidro;
Se tens algumas tenções.
Não faças conta comigo.

63

Eu tenho o cabelo loiro
Penteado aos anneis;
Quem quizer casar comigo
Vá despachar os papeis.

64

A' uma hora nasci,
A's duas fui baptisado,
A' trez 'stava namorando,
A's quatro estava casado.

65

O meu amor me deixou
N'uma manhã de *nuvrina*,
Deixou-me por eu ser pobre
Que outra falta não a tinha.

66

Quatro nomes ha no mundo
Que a mim me devem paixão
E' Antonio, é José,
E' Manoel, é João.

67

A mulher é desgraçada
Até no vestir da saia,
Não ha desgraça nenhuma
Que aos pés da mulher não caia.

68

Heide-me casar este anno
C'um rapazinho da moda,

Que não tenha pae nem mãe;
Não tenho sogro, nem sogra.

69

Eu não caso com viuvo
Nem que elle a trigo me cheire,
Que já sabe na semana
Quantos pães dá um alqueire.

70

A' porta de minha sogra
Está uma parreira em ser;
Quem não apparece esquece
Tambem eu heide esquecer

71

O' rapaz da cinta azul
Trazes o relógio á vista,
Vae buscar o chaile-manta,
P'r'acabar's de ser fadista.

72

Eu bem sei que andas na lista,
Eu bem sei que andas listando,
Eu bem sei que andas no gozo,
Eu bem sei que andas gozando.

73

Toda a mulher que se casa
Deve ter o pau ao pé,
Para benzer o marido
Quando lhe pede café.

74

Nasce o sol e põe-se a lua
Nasce a lua e vem o vento;
Desengana-te comigo,
Que eu não sou teu passatempo.

75

Trazes gorro á Borda d'agua
Bordado de linhas pretas,
A menina que o bordou
Fazia as coisas bem feitas.

76

O' meu amor não te lembras,
Na noite da trovoada,
Que estiveste uma hora
Nos meus braços desmaiada.

77

Toda a mulher que se casa
Deve ter o pau ao canto,
Para benzer o marido
Quando lhe der o quebranto.

78

O meu amor não tem mãe

'Stá em casa d'uma tia,
Eu heide de lá tiral-o,
Para a minha companhia.

79

Muito bonita é a chita,
Amor, do teu avental;
E's a cara mais bonita
Que passeia em Portugal.

80

Fui-me ao campo ás felôres,
Colhi d'umas, colhi d'outras,
Encontrei o meu amor,
D'estas fortunas ha poucas.

81

O meu amor foi á ceifa
P'ra lá de Campo-Maior,
Eu heide-lhe mandar um lenço
Para limpar o suór.

82

Não me atires com pedrinhas
A' barra da minha saía,
Atira-me com beijinhos
A' face da minha cara.

83

Antonio me deu um lenço
Foi compral-o lá na praça,
Se eu nasci p'ra Manoel,
Que quer's Antonio que eu faça?

84

Se quer's saber, experimenta
O fio á minha navalha,
Donde não corta, rebenta,
Donde não rebenta, atalha.

85

Não sei o que significa
Cigarro ao canto da bocca,
Significa lealdade,
Eu em ti acho bem pouca.

86

O' Josè, folha de cravo,
Ao longe vae rescendendo,
Da palavra que te dei
Sou firme, não me arrependo.

87

Eu venho de amar, eu venho,
Eu venho de amar á noite,
Não venho d'amar teus olhos,
Eu venho d'amar os d'outrem.

88

Lá vem o Belchior da Paz,
Mais o Bento desvalido,
Deixe entrar este rapaz
No cofre do amor sentido.

89

Se o meu amor fora Antonio
Assim como é João,
Mandava-o engarrafar
Dentro do meu coração.

90

Alvaneu trata da cal,
Carpinteiro da madeira,
Cada qual no seu officio,
Eu tambem sou lavadeira.

91

Fui fazer uma viagem
De vendas Novas aos Pégões,
Para comprar umas pelles
Para fazer uns *ceifões*.

92

A laranja de Carvão
Não ha outra que lhe eguale,
Já tornei uma pansada
Que dei baixa ao hospital.

93

Vou mudar a residencia
Do Landroal p'ra Santarem,
Vou confiar-te um segredo,
Só a ti, a mais ninguém.

94

Eu sou muito tua amiga
Deves tel-o conhecido,
Mas amor e amizade
Só o tenho a teu marido.

95

Fui-me ao cemiterio santo,
Eu sem susto algum entrei,
Fez oração ao Senhor,
Olhos ao ceo levantei.

96

O' morte tyranna morte,
Olha o crime que causaste,
P'r'a sombra dos aciprestes
A minha amada levaste.

97

O muito cantar enfada,
O pouco parece hem;
Vale mais muito cantar
Que murmurar de ninguém.

98

Minha sogra é remelosa,
Tens dentes arreganhados,
Já correu atraz de mim
Bem como o gato assanhado.

99

Toma lá esta laranja,
Nunca digas quem t'a deu,
Que foi o primeiro fructo
Que o pomar de meu pae deu.

100

Eu sou filha de meu pae,
De minha mãe tambem sou
Sou sobrinha de meu tio,
Sou neta de meu avô.

101

Eu tenho cinco réis de amor,
Derréis de saber amar,
Quinz'a réis de bem querer,
Um vintem de não faltar.

102

Estas mocinhas d'agora
Não comem senão *caspacho*,
Para forrarem dinheiro
P'ra saías de listas a baixo.

103

Estes rapazes d'agora
Não comem senão pepino,
Para forrarem dinheiro
Para cintas de merino.

104

As senhoras com as modas
Mettem medo aos innocentes,
Andam mettidas em *saccas*,
Parecem umas serpentes.

105

Aos meus dois annos d'idade
Do mundo perdi a luz,
Sinto-me já caçado
C'o pêso da minha cruz.

106

Duas flores n'um pé só
Qual d'ellas é mais formosa,
Uma é a açucena branca,
Outra a folha d'uma rosa.

107

Quem quizer ir co'a Jacinta
Bem se pode preparar,
Que ella marcha quarta ou quinta,

Sexta feira o mais tardar.
108

Não me importa que eu por ti
Tenha a sorte desgraçada,
E' sacrificio mais forte
Estar minh'alma apaixonada.
109

Castello Branco é meu
Comprei-o e' o meu dinheiro,
Quem quizer passeiar n'elle
Falle comigo primeiro.
110

Adeus hospital do Desterro
Janellas e corredores,
Adeus cama e cadeira,
Onde eu passei minhas dores.
111

Adeus ó Castello Branco,
Adeus chafariz da Adorna,
Meu amor foi-se embora
Por tres annos, logo torna.
112

Sete estrello vae em pino,
E a lua já empinou;
Diga-me lá ó menina
A que horas se deitou.
113

Apanhemos a azeitona
Que tem o azeite dentro,
Que allumia toda a noite
O Divino Sacramento.
114

Por ouvir cantar os mais
A cantar me acostumei;
Para amor fechei meu peito
Desde que uma ingrata amei.
115

O meu amor quer deixar-me;
Eu digo-lhe: adeus, adeus!
Mas não me leves os olhos,
Porque esses são muito meus.
116

Façamos, meu bem, as pazes,
Como foi da outra vez;
Quem ama sempre perdoa
Uma, duas, até tres.
117

Chapeu novo, chapeu novo,
Essa fita não é tua;

Já me não vae agradando
Tanta conversa na rua:
118

Eu já vi nascer o sol
N'uma *agarrafa* de vidro,
Já me posso ir gabando:
Vi o sol introduzido.
119

A rua nova de cima
Não é rua como as mais,
No meio tem uma casa
Onde combatem dois ais.
120

Debaixo das frias ondas
Cança o peixe de nadar,
Tudo cança neste mundo,
Só eu não canço em te amar.
121

Quem me dera dar um ai
E chegar aonde eu quero,
Que dissera ao meu amor
Este e o ai que eu venero.
122

Castanhas do Maranhão
Veem de fora do reino;
Quanto mais mal de ti dizem
Mais amizade te eu tenho.
123

Pergunta ao sol se viu
A' lua se conheceu,
E as 'strellas se encontraram
Amor mais firme que o meu.
124

Dá-me a tua mão direita
Que te quero lèr a sina,
Para ver se a tua letra
Iguala com esta minha.
125

Dois corações bem unidos
Occupam só um logar,
Façam estas diligencias
Não os podem separar.
126

Aqui tens meu coração
Pica-o com punhal agudo,
Onde se levam, se dão
Muitas vezes a miudo.

(Continúa).